

A PRESENÇA DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS SOCIAIS NÃO-FORMAIS

FERREIRA, C. Fernanda¹
PRETTO, Valdir²

RESUMO

Ao estudarmos a disciplina pedagogia em espaços sociais, do curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – RS, nos foi proposto o Centro de Apoio à Criança com Câncer - CACC, para nossa pesquisa e atividade prática, a fim de visualisarmos a importância do pedagogo nestes espaços sociais. Foi lançado o desafio de realizar um trabalho referente a educação não-formal com o cuidado de resgatar, a afetividade e proporcionar condições de diálogo e livre expressão artística. A metodologia usada foi embasada na pesquisa-ação e a pesquisa participante.

Palavras-chave: Espaços sociais; Afetividade; Pedagogo

INTRODUÇÃO

O Centro de Apoio à Criança com Câncer (CACC), foi o local de nossa pesquisa, sediado em Santa Maria. Nessa realidade vivem crianças em tempo de reabilitação que lutam contra a doença do câncer. Uma associação civil sem fins lucrativos, que trabalha com a assistência social, fundada em 19 de março de 1996. A história desse centro conta que a intenção do grupo de voluntários, nessa época, era criar uma casa para prestar apoio a crianças portadoras de neoplasias durante o período em que estas realizam tratamento médico no Hospital Universitário de Santa Maria – HUSM. Este centro atua no fornecimento gratuito de hospedagem, alimentação, apoio material e atividades sócio-recreativas aos seus hóspedes.

Desde julho de 1999, em sua sede, à Rua Erly de Almeida Lima nº 365, Bairro Camobi, Santa Maria, RS, a capacidade de atendimento pôde ser ampliada para 31 leitos e o serviço oferecido aos hóspedes foi aperfeiçoado, proporcionando-lhes mais conforto. A partir daí, os esforços passaram a concentrar-se na busca da qualificação do atendimento, na geração de recursos próprios para a manutenção das atividades e na divulgação do trabalho junto à sociedade. Esse ambiente de recuperação da saúde é tido como um espaço social de educação não-formal por possibilitar o desenvolvimento cognitivo, abrindo possibilidades de contar com a presença do profissional da educação.

Por meio das experiências vivenciadas no decorrer do curso de pedagogia o estudo sobre a educação não-formal nos fez verificar que a educação não existe somente dentro de uma sala de aula e que existem pessoas que necessitam de um olhar, de um cuidado

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil
ferds.costa@hotmail.com

² Professor do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil –
pretto@unifra.br

diferenciado, devido as suas necessidades. Isso nos podemos constatar e confirmar como o relato citado acima.

Um pedagogo pode fazer a diferença em diferentes espaços sociais, tanto para as crianças que vivem em lares, aquelas que, por estarem debilitadas e longe de suas casas, ficam sem o auxílio escolar, como, também, aos idosos que vivem em asilos.

Neste sentido, foi realizado o trabalho no qual o foco é à afetividade. Por meio deste enfoque, procuramos resgatar os princípios de afetividade que se apresentam ausentes em várias pessoas do grupo que frequentam os serviços prestados pelo Centro de Apoio à Criança com Câncer.

Justifica-se, ainda, a escolha desta pesquisa, por acreditar que esta experiência possa contribuir para o enriquecimento da formação profissional, na área da pedagogia.

2. DESENVOLVIMENTO

A educação espalha-se por um universo vasto que vai além dos muros das instituições de ensino. Suas especificidades são muitas e dentre delas tem a educação não-formal, que, embora obedeça a uma estrutura e organização, diferencia-se da formal no que diz respeito ao tempo, aos locais e á flexibilidade dos conteúdos. Isso não quer dizer que, por ser informal, seu espaço não seja educacional.

O termo não-formal diz respeito ás instituições associadas, organizações e grupos que trabalham com educação.

A construção acontece sem aquela necessidade de aprovação e reprovação. A necessidade, nesta forma, ocorre de forma prazerosa, pois as pessoas estão envolvidas no processo ensino-aprendizagem.

O importante é que esta proposta de educação não-formal funcione como espaço social. As atividades de educação não-formal necessitam ser vivenciadas em local agradável, que permita expandir-se, movimentar-se, oportunizando a troca de experiências. Isso pode concretizar-se por meio da participação efetiva do educador envolvido no processo.

A educação não-formal reaviva e torna valorável a cultura dos indivíduos nela envolvidos, pois faz com que a abordagem de seus anseios esteja presente no decorrer das atividades.

Para se pensar a educação não-formal, deve-se primeiro conhecer o grupo que se pretende trabalhar, e depois apresentar as atividades que possam ser acolhidas pelo grupo, a partir de suas necessidades.

No Brasil, esta modalidade de ensino vem ganhando espaço. Estão surgindo instituições preocupadas em atuar em espaços ou em situações que não são contempladas

pelo poder público, como por exemplo, os projetos que tem crianças e jovens em situação de risco.

Esta educação deveria ser acessível a todas as classes sociais, já que este tipo de educação viabiliza uma melhor comunicação e expressão entre todos. Atualmente, pode-se dizer que a educação não-formal está intimamente ligada a movimentos de grande massa.

A educação não-formal é um processo contínuo dado em espaços sociais, com ênfase aos interesses e necessidades do grupo envolvido, independente da idade ou situação em que se encontram, com respeito e valorização à diversidade. Segundo Simson(2001, pg.10):

[...] a educação não-formal poderia ser exemplificada por práticas em que o compromisso com questões que são importantes para um determinado grupo é considerado como ponto fundamental para o desenvolvimento desse trabalho; esse compromisso torna-se mais importante do que qualquer outro conteúdo preestabelecido por pessoas ou instituições.

Neste sentido percebe-se uma tênue ligação do social e do educativo. Temos então a educação como um processo alavancador do desenvolvimento social.

De modo geral, a educação tem por pressuposto uma motivação e estimulação para a sociedade encarar o mercado de trabalho através da aquisição de distintas qualificações. Sabemos, então, que a educação não-formal e informal está tomando um ar de diferentes âmbitos, racionalidades, políticas e pedagógicas em disputa, exigindo, com isso, educadores capazes e socialmente comprometidos com a reflexão e idéias emancipatórias.

Buscou-se realizar um trabalho de expressão artística, primeiramente com iniciação com dialogos e em seguida , com base no que foi relatado iniciou-se as atividades. Foi feito o convite para que as crianças e mães lá residentes, observassem o mundo onde eles estavam, como eles viam esse mundo e por fim para recria-lo, assim feito apos as atividades os trabalhos eram contextualizados com os demais.

Quando são utilizados os termos observar, recriar e contextualizar, é reforçada a Proposta Triangular e a maneira como qualquer indivíduo pode se expressar. São as formas de ver e rever o mundo. Para melhor explicar esta proposta, Barbosa (2002 p. 70) diz que:

A proposta triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das outras três ações decorrentes: decodificar / codificar, experimentar, informar e refletir.

Portanto, para Barbosa, a importância na Proposta Triangular é a criação, que é o fazer artístico, a apreciação da leitura da obra de arte ou a sua fruição, e a

contextualização da obra. Nesse sentido, a leitura de obra de arte envolve o questionamento e o despertar da capacidade crítica do aluno com o pensamento e a expressividade que construirá com o grupo ou individualmente. Com isso vemos claramente a importância deste trabalho para este grupo, pois podem contextualizar suas ansiedades e medos com os demais, assim aliviando a carga emocional, e isso tudo feito através de um trabalho expressivo e profundamente emocional, pois resgata o anseio da alma e o acolhimento do grupo, onde a afetividade tem um papel fundamental.

AFETIVIDADE

A afetividade e a família é um assunto muito amplo, e sua importância é indiscutível. Irei aprofundar sobre o tema para assim poder realizar plenamente as atividades dentro de um embasamento adequado. Segundo Capelatto (2002, pg. 10):

A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. Vários estudos e pesquisas têm demonstrado que jovens problemas são fruto de famílias que, independentemente do nível sócio econômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade de a família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

Tendo isto como referência compreende a importância da família em todo o processo de vivência de seus filhos, muito mais em um momento tão delicado. Neste sentido, esse trabalho vem buscar conscientizar, mesmo que por poucos momentos, as famílias envolvidas e que convivem com estas crianças. Capelatto (202 pg. 11), deixa claro a complexibilidade e a importância da afetividade para um indivíduo, dizendo ainda que,

A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. É na família que se aprende a linguagem mais complicada da vida: a linguagem da afetividade.

Através destas palavras vejo com clareza a fragilidade com que estas crianças que estão no lar pesquisado se encontram no dia a dia, suas inseguranças e seus medos, conviver com a morte é algo realmente cruel e muito real para elas, sendo importante, nesta hora, o amparo familiar, o amor, a força que eles necessitam. Caso os responsáveis não tenham consciência do seu papel é muito mais difícil para a criança, pois não encontram em seus protetores os pilares de apoio necessários para lutar contra a doença.

Na opinião de alguns autores existe uma base bem concreta de o que é, e como se dá o sentimento e a afetividade. Para muitos, as emoções e as ações são decorrentes umas das outras, muitos de nossos sentimentos são responsáveis por nos proporcionar o “gás” para viver, uma vez que precisamos constantemente de estímulos no dia a dia. Sabe-se que um elogio, um toque de carinho, uma palavra afetuosa nos reanima e refaz. Para Bock e colaboradores (1999, pg. 198):

o importante é compreender que a vida afetiva – emoções e sentimentos – compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e os sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida. Precisamos deles porque dão cor e sabor às nossas vidas, orientam-nos e ajudam-nos nas decisões.

Com isso podemos reforçar nossas falas sobre a importância de termos um apoio emocional, uma “mão amiga e afetuosa”, e para as crianças em questão isso se faz mais urgente ainda. Gostaria de concretizar, no entendimento dos responsáveis pelas crianças, a idéia de como é importante o apoio e o carinho para a recuperação e para suportar as dores físicas e emocionais.

Posso envolver o grupo com atividades que expressem seu sentimento e anseios, buscando aliviar os maus pensamentos e a dura realidade. Neste sentido, Wallon (1986, pg,18) relata que:

[...] uma vez que expressamos, interiorizamos realmente um sentimento, este se torna tênue e talvez mais fácil de conviver. A comoção do medo ou da cólera diminui quando o sujeito se esforça para definir-lhe as causas. Um sofrimento físico, que procuramos traduzir em imagens, perde algo de sua agudez orgânica. O sofrimento moral, que conseguimos relatar a nós mesmos, cessa de ser lancinante e intolerável.

3. METODOLOGIA

A metodologia usada foi embasada na pesquisa-ação e a pesquisa participante, pois remete à um campo de trabalho onde se pode interagir em busca de um resultado comum, havendo um envolvimento e um comprometimento também.

Thiollent (1992, pg. 22) considera “que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário construir conhecimentos, adquirir experiências, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.” Com isso podemos dizer que nesta metodologia faz-se necessário uma maior explicação do que é a pesquisa-ação, pois o que busco não são só os resultados, mas sim o

processo como um todo, um círculo onde uma ação vai proporcionar a base sustentadora para a outra ação.

Trata-se na verdade de um método de como tudo vai acontecer, uma pesquisa social em uma estrutura coletiva, buscando resultados para o todo. Além do controle de métodos, o papel da metodologia é orientar o pesquisador no que diz respeito à estrutura da pesquisa.

Devo traçar uma relação entre o conhecimento e a ação, assim conseguirei uma pesquisa completa e de qualidade, A metodologia em si não é apenas um método, é uma forma de embasado em fatos e observações, visualizar a fundo a clientela e o conteúdo a ser pesquisado, é a forma mais simples e completa de realizar um conteúdo ou uma pesquisa, de forma real e verdadeira. Ainda, para Thiollent (1992, pg. 25):

[...] a intercomunicação entre observadores e pessoas e grupos implicados na situação e também a restituição do papel ativo a todos os participantes que acompanham as diversas fases da pesquisa não constituem infrações ao “código” da ciência, quando este é entendido de modo plural, em particular no plano metodológico.

Pode-se entender então que, nesta metodologia, quanto mais envolvidos no processo todas as pessoas estiverem, melhor, mais efetivos serão os resultados, e com isso não haverá perda alguma para as implicações científicas da pesquisa.

A questão de a educação não-formal não ter toda formalidade de uma instituição educacional, não diminui em nada sua potencialidade. A escola formal cabe também não só a construção do conhecimento, mas uma socialização, e isso faltando, entra a escola não-formal, sem toda aquela obrigatoriedade, proporcionando o desenvolvimento social.

Os profissionais engajados nestes projetos vivenciam a realidade, e conduzem ao pensar individual e coletivo, e estes educadores têm uma prática diferenciada. Na área da educação não há fronteiras demarcadas de profissionais que atuam nesta área ou em outra, as diferenças podem ser tênues, porém elas existem.

Em níveis de estado, estamos buscando um maior comprometimento com esses projetos, e é importante frisar que o espaço há, as condições podem ser criadas, porém tem de ter força de vontade, é preciso de certa forma, produzir as propostas, e isso envolverá um grande esforço de pesquisa, para poder mobilizar as partes competentes a esse intuito, e sempre que necessário buscar apoio político.

A inserção de jovens e adultos nestes projetos é de dar a oportunidade, estes mesmos jovens estariam anteriormente em grupos sem oportunidade, e com a mudança vem às dificuldades, porém nutridas pelas formas que estes projetos são realizados.

A realidade é uma só, devemos fazer algo, buscar alternativas, e precisamos efetivamente do apoio das autoridades competentes, já é difícil elaborar projetos e realizá-los com apoio, imagina sem este apoio. Os educadores também devem se envolver, pois

esta modalidade de educação não só prepara os educando também para a vida, assim como os prepara cognitivamente, existem conflitos, e devemos contorná-los para chegar com esse objetivo.

PÚBLICO ALVO

Como o lar tem a característica de atender pessoas que se deslocam de todo lugar, e estas possuem tratamentos diferentes e em momentos diferentes, não há como precisar o número de atendimentos, pois este varia a cada momento. O que se pode dizer é que, por norma, a casa atende as crianças e adolescentes até completarem dezoito anos de idade. Após, devem procurar outro lugar.

Residem no lar meninos e meninas, alguns já estão na casa há oito anos e, neste sentido, os projetos se faz necessário e é muito importante.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pode-se constatar que o maior problema não são as crianças em reabilitação, mas sim as mães, que estão juntos para cuidá-las, muitas se frustram pela situação de seus filhos e pelas suas próprias, e acabam por abandonar as verdadeiras vítimas desta doença. Se pode observar que quando estimulamos o lado mais emotivo e reflexivo destas mães as mesmas sentem-se responsáveis pelo acolhimento de seus filhos, com isso estreitando laços e fortalecendo a alma e esperança dos pequenos.

O trabalho de criação e contextualização resgata as melhores lembranças dos indivíduos ali alojados, fazendo com que criem laços afetivos entre todos envolvidos no processo, inclusive o pedagogo lá inserido para realizar a educação não-formal e o resgate emocional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que através de um ambiente agradável e cheio de distrações e carinho é possível abrandar a dor física e a dor da alma, buscou-se fazer um trabalho variado e indo de encontro as lembranças felizes e interesses destas pessoas, notou-se que nos momentos da realização das atividades era possível ouvir risadas e muita conversa, ausente na maioria dos momentos. Com isso vem-se reforçar a idéia do afeto e da atenção como meio de educar e conviver em grupo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BOCK, A. M. B. e colaboradores. Psicologias – uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

CAPELATTO, Ivan Roberto. Educação com afetividade: coleção joven voluntário, escola solidário. Campinas, São Paulo: Modelo, 2002.

In: <<http://www.facaparte.org.br/new/download/capelato.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2009.

SIMSON, Olga Rodrigues de M. Von; PARK, Margarth B.; FERNANDES, Renata Siero (orgs.). Educação não-formal: cenários de criação. Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 2001.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1992.

SIMSON, Olga; PARK, Margareth. Educação não-formal: Cenários da criação. Unicamp, 2001.

WALLON, Henri. **A Atividade proprioplástica**. IN: NADEL-BRULFERT J. & WEREBER, M.J.G. Henri Wallon (antologia). São Paulo: Ática, 1986.